

Bancos franceses acham que juros serão problema

ANY BOURRIER
Correspondente

PARIS — Apesar de representar uma mudança radical dos americanos no enfoque da questão do endividamento, o plano de redução dos créditos proposto por Nicholas Brady, Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, foi acolhido com prudência pela comunidade bancária francesa.

Os banqueiros julgam que ainda é prematuro avaliar o plano porque Washington não revelou todos os seus detalhes, principalmente suas intenções no que diz respeito à maior flexibilidade da legislação fiscal, que daria aos bancos privados a possibilidade de reduzirem seus créditos. Embora acreditem que o plano possa ser aplicado num prazo de dois meses, os banqueiros franceses julgam que o Brasil não será o primeiro beneficiado com a redução dos créditos bancários.

— A explosão social na Venezuela teve forte influência na decisão do governo americano, logo, é por Caracas que começaram a ser aplicadas as pro-

postas de Brady — comentou ontem um banqueiro.

O México poderia ser o segundo país na lista dos que negociarão seus reembolsos pelo sistema, desde que os bancos privados concordem em aceitar as garantias oferecidas pelo Banco Mundial (Bird) e pelo FMI, tanto para a redução do principal quanto para o pagamento dos juros da dívida externa.

As taxas de juros, segundo os franceses, serão o problema mais concreto das futuras negociações, pois, conforme explicaram, os bancos costumam ser contra a renúncia ou modificação das taxas de juros, porque é possível admitir que o principal da dívida não será pago, mas não os juros. "Portanto, acreditamos que o Plano Brady possa ser eficiente se suspender em parte, e por um tempo determinado, o pagamento dos juros da dívida, que é o principal problema dos países em desenvolvimento".

Embora não seja um dos primeiros países a lucrar com a nova proposta americana, o Brasil poderia ser o país mais favorecido pela troca de dívida contra títulos.